

Parque Vivencial está virando favela

(SU)
Fotos: Glauco Dettmar

O Parque Vivencial Saburo Onoyama, uma das últimas reservas naturais de Taguatinga, está sendo invadido por pessoas carentes que alegam não ter condições de pagar aluguel.

Cerca de 50 barracos foram construídos nos últimos meses e os ocupantes acabam derrubando árvores e poluindo as nascentes e o córrego da região.

"Não temos como evitar. Disponemos de apenas três guardas por turno para vigiar uma área de 9,5 hectares", lamenta o diretor do Parque, Ezequias Cardoso.

Ele acredita que a solução para o problema seria murar toda a poligonal do Saburo Onoyama, mas conhecido pelos moradores de Taguatinga por *Vai Quem Quer*.

"Infelizmente não dispomos de recursos para isso e ficamos importantes para impedir essa agressão à natureza", diz.

Entulho — Além dos invasores, o diretor do Parque reclama dos moradores que jogam entulhos na área.

"Muitas nascentes foram aterradas por entulho jogado por pessoas que não sabem o mal que estão causando", afirma.

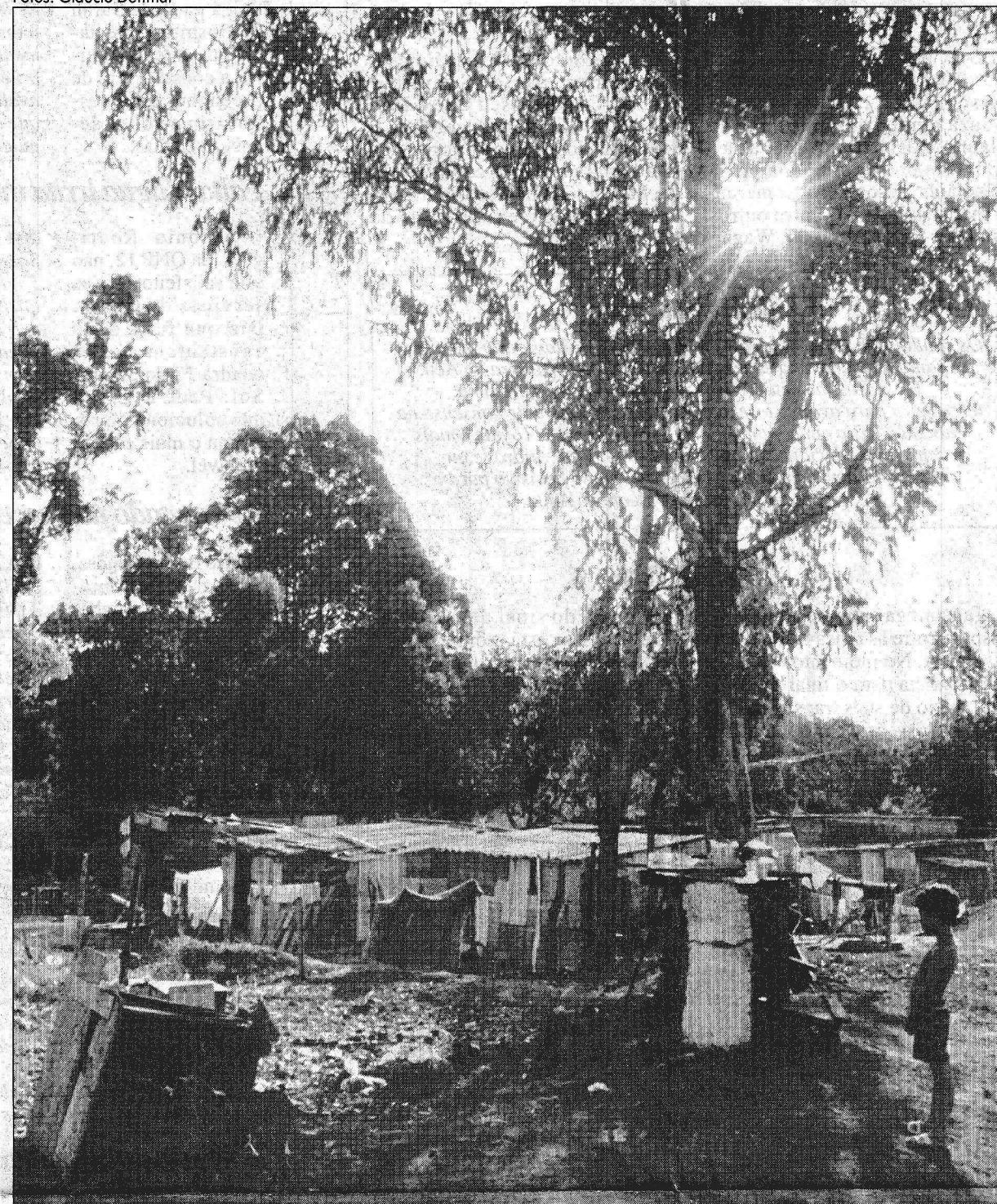
O surgimento da invasão motivou um grupo de ecologistas de Taguatinga a criar a Associação dos Amigos do Verde (Asaverde).

Segundo segundo a presidente da entidade, Elza Alves Gomes Campos, a proposta é mobilizar a população para evitar a destruição da mata.

"Queremos criar uma consciência comunitária de que a preservação da mata será fundamental para assegurar a qualidade de vida em Taguatinga", explica.

Elza Campos diz que os primeiros contatos foram feitos com o administrador de Taguatinga, José Lima Simões, a quem pediu ajuda.

"Queremos o apoio dos órgãos oficiais. Mas, fundamentalmente, pretendemos organizar a população para essa causa. Afinal, o Parque é de todos", diz.



Os invasores já ergueram cerca de 50 barracos no parque, numa ameaça a uma das últimas reservas naturais da cidade



Um dos moradores diz estar há 42 anos no local e cultiva uma horta

Maioria é de desempregados

Mais de 200 pessoas, entre adultos e crianças, estão morando na área de preservação do Parque Vivencial Saburo Onoyama. A maioria é desempregada ou tem baixo poder aquisitivo e por isso não podem pagar aluguel.

"Aqui só falta energia elétrica. No mais está ótimo", diz o garçom Célio José de Oliveira, 21 anos, que na última quarta-feira cimentava o piso de mais uma *puxada* do barraco de três cômodos.

Célio ganha dois salários mínimos por mês. Mesmo juntando o que ganha com a renda da mulher (balconista), segundo ele, ainda é insuficiente para pagar aluguel.

Ele foi o primeiro morador a cavar uma cisterna no parque. Depois dele outros três seguiram o exemplo. "Forneço água para quem precisa", orgulha-se.

Lavradores — O casal Adelson de Jesus, 35, e Joélma Bispo, 24, está na invasão há seis meses. Os dois são lavradores desempregados.

"Viemos de Irecê, na Bahia, e não conseguimos emprego. O jeito foi ficar por aqui", conta Adelson.

Luís Roberto Alves Pereira, 24, trabalha com serigrafia e está desempregado. Morando em Brasília há sete anos, ele espera ganhar um lote do governo, apesar de não estar inscrito no Idhab (antiga Shis). "Temos direito", acredita.

O morador mais antigo do local é João da Silva. Produtor de folhosas (alface, couve, cheiro verde etc.), ele é conhecido por *João Preto* e ocupa cerca de três hectares da área do parque.

"Estou aqui há 42 anos — antes mesmo do parque ser construído — e só pretendo sair quando morrer", afirma ele.

João Preto chama o espaço onde vive de "minha chácara". Ele tem quatro funcionários e mora no local com a mulher e dois filhos.